

COMENTÁRIOS AO HEGEL NÃO-CONCEITUALISTA DE W. CLARK WOLF

ANDRÉ H. RODRIGUES ¹

O artigo de W. Clark Wolf, *The Myth of the Taken: Why Hegel is Not a Conceptualist* ², insere-se diretamente no debate contemporâneo sobre a interpretação da *Fenomenologia do Espírito* e, em particular, da seção dedicada à “Certeza Sensível”. Longe de apenas revisitar a conhecida crítica de Hegel ao imediato, Wolf procura posicionar-se frente às leituras conceitualistas que se tornaram dominantes, sobretudo na esteira de Sellars, McDowell e Brandom, apresentando como tese central a ideia de que a atribuição à Hegel de um conceitualismo pleno (“*de re*” e “*de dicto*”) seria um equívoco exegético e filosófico. Segundo Wolf, a linha interpretativa inspirada por Sellars incorre em um movimento que ele chama de “assimilação indevida” entre conceito e nome, ou entre conceito e demonstrativo. Para esses intérpretes, o simples fato de que a consciência, na certeza sensível, recorra a indexicais como “isto”, “aqui” e “agora” seria suficiente para mostrar que a experiência já é conceitual. Wolf resiste a essa conclusão. Em suas palavras, “*Hegel never states the argument of ‘Sense-Certainty’ in terms of concepts or conceptuality*”. Para ele, o universal que emerge na análise hegeliana não é ainda o universal do conceito, mas apenas o universal abstrato da representação.

O argumento de Wolf, portanto, caminha em duas frentes. Por um lado, ele sustenta que o envolvimento de linguagem, na forma de deícticos e nomes, não autoriza a inferência a uma “conceitualidade plena”, porque os conceitos têm, por natureza, uma dimensão descritiva e predicativa que se perde quando reduzida a simples demonstrações. Por outro, ele insiste em que a crítica de Hegel à certeza sensível é fundamentalmente negativa, isto é, tem por objetivo mostrar que a pretensão de um saber imediato fracassa, o que não equivaleria a positivar o resultado desse fracasso como conceitualidade. Nesse sentido, Wolf adverte contra a tendência reconstrutiva de impor ao texto hegeliano categorias que lhe são estranhas.

¹ Bacharel em Direito, Especialista em Direito Processual Civil, Estudioso Independente no campo da Filosofia (ênfase em Metafísica, Lógica e Epistemologia).

² WOLF, W. C. (2019). **The Myth of the Taken: Why Hegel Is Not a Conceptualist**. *International Journal of Philosophical Studies*, 27(3), 399–421. <https://doi.org/10.1080/09672559.2019.1612617>.

O mérito do artigo de Wolf está em chamar atenção para a distância entre a terminologia própria de Hegel e as reconstruções filosóficas contemporâneas. Sua intervenção procura resguardar o texto da *Fenomenologia* de leituras excessivamente anacrônicas, que, ao reinterpretar Hegel à luz do debate sobre o “mito do dado”, arriscam perder a especificidade da sua linguagem filosófica. Nesse sentido, *The Myth of the Taken* funciona como um contraponto necessário à tradição Sellarsiana, ao reafirmar que, para Hegel, o universal que surge na certeza sensível é ainda da ordem da representação e não deve ser confundido com o conceito.

Todavia, antes de abraçarmos de imediato a conclusão de Wolf, cumpre-nos realizar uma análise comparativa dessa posição com outra perspectiva já esboçada por este autor ³, o que nos permitirá avaliar com maior sobriedade e imparcialidade não apenas a coerência interna de cada interpretação, mas sobretudo a fidelidade e a força sistemática que oferecem em relação ao pensamento hegeliano. E a questão central que organiza e orienta o debate é a seguinte: ao mostrar a impossibilidade de fixar o singular como fundamento epistêmico, Hegel nos conduz inevitavelmente à universalidade, mas que *tipo de universalidade* é essa? E, sobretudo, podemos chamá-la de “conceitualidade” em sentido amplo, mesmo que Hegel, em sua terminologia própria, reserve o termo *Begriff* para um momento mais adiantado de sua dialética?

Este autor, no artigo *On Sense-Certainty in Hegel: The impossibility of immediate access to sense data in the Hegelian dialectic*, formula com clareza a tese de que a análise de Hegel na abertura da *Fenomenologia* mostra que “o sensível imediato, em vez de oferecer uma base cognitiva sólida, dissolve-se no próprio ato de ser pensado” e que, por consequência, “o acesso à realidade pressupõe necessariamente uma estrutura conceitual universal”. Essa formulação, que aproxima Hegel da crítica contemporânea ao “mito do dado”, mostra como cada tentativa de fixar o “isto”, o “aqui” ou o “agora” termina revelando sua insuficiência, uma vez que o “agora” não é senão qualquer agora, e o “aqui” não é senão qualquer aqui. O que permanece é a forma universal, que não se acrescenta posteriormente ao sensível, mas emerge dialeticamente do fracasso da consciência em reter o singular. Para este autor, portanto, essa estrutura corresponde a um realismo conceitual por meio do qual, tanto o polo subjetivo quanto o polo objetivo são estruturados por formas conceituais, de modo que não há puro não-conceitual em jogo.

Wolf, ao contrário, procura desmontar precisamente esse tipo de leitura. Ele observa que, embora seja inegável que Hegel, na “Certeza sensível”, critique a pretensão de um saber imediato, “*knowing is 'immediate knowing, knowing of the immediate, or of what is'*” (PhG § 90), disso não se seguiria que toda experiência seja necessariamente conceitual. Para Wolf, é um erro projetar em Hegel as teses de Sellars

³ RODRIGUES, A. H. **On "Sense-Certainty" in Hegel: The impossibility of immediate access to sense data in the Hegelian dialectic**. Philpapers.org. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/RODOQI>>.

ou McDowell, imputando-lhe uma espécie de “conceitualismo à força”. Ele enfatiza que Hegel não formula o argumento dessa seção em termos de conceitos, mas em termos de universais, e que a universalidade que aparece aí é antes de ordem representacional do que propriamente conceitual. Como ele escreve, “*Hegel never states the argument of ‘Sense-Certainty’ in terms of concepts or conceptuality*”, e, portanto, a associação entre a crítica hegeliana do imediato e o conceitualismo contemporâneo seria, a seu ver, apenas uma inferência forçada.

A divergência, como se vê, gira em torno de qual estatuto atribuir ao universal que se manifesta no interior da certeza sensível. Para nós, o passo hegeliano é inequívoco, posto que toda tentativa de nomear o singular recorre necessariamente a indexicais ou categorias que já são universais, de modo que “*em tentar designar ‘isto’, a linguagem recorre a universais; o ‘agora’ e o ‘aqui’ dissolvem-se na sucessão de tempos e lugares possíveis; e o próprio objeto sensível desaparece no ato de ser pensado*”. Assim, a verdade que se revela é que “*não há dado puro. Toda intuição (...) é já atravessada por mediações*”. Em outras palavras, não existe experiência pré-conceitual; mesmo o nível mais elementar de relação com o mundo está impregnado de estrutura conceitual.

Wolf admite a negatividade da crítica hegeliana ao considerar que a certeza sensível fracassa em seus próprios termos, mas recusa a inferência positiva de que “tudo é conceitual”. Em sua leitura, há um excesso interpretativo quando se iguala “universal” a “conceito”. Como ele afirma, “*the universal is thus in fact the truth of sensuous-certainty*” (PhG § 96), mas isso não significa ainda que tenhamos “conceito”. Segundo ele, há que se distinguir entre representações (*Vorstellungen*), que podem ser gerais e universais, e conceitos propriamente ditos (*Begriffe*), que exigem uma capacidade de compreensão (*Begreifen*) mais rica e determinada. Daí sua insistência em que Hegel não seria um “*conceptualist sensu stricto*”.

Entretanto, uma leitura mais atenta mostra que, embora Hegel use “universal” e não “conceito” nesse estágio, o que se encontra em jogo é justamente o ponto que, à luz das discussões contemporâneas, podemos e devemos chamar de conceitualidade em sentido amplo. Afinal, se a pretensão de um dado imediato fracassa, e se o singular só pode aparecer enquanto já mediado por categorias universais de espaço, tempo e linguagem, então estamos inevitavelmente no espaço da normatividade e da inteligibilidade conceitual. Nós deixamos isso patente em nosso *paper* quando escrevemos que “*não há dado puro. (...) O inteligível só se dá em forma conceitual, tanto no pensamento quanto na realidade*”.

A posição de Wolf, embora filologicamente cautelosa, acaba por enfraquecer a força sistemática da descoberta hegeliana. É certo que Hegel não usa a palavra “*Begriff*” nesse momento, reservando-a para um estágio posterior em que o conceito aparece como universal concreto que integra singularidade e particularidade.

Mas reduzir a universalidade da certeza sensível ao estatuto de mera representação é não reconhecer a intuição decisiva de Hegel, qual seja, a de que não existe acesso imediato ao singular, que tudo que se mostra como “isto” já se dissolve em estruturas universais. Essa intuição, independentemente da terminologia de Hegel, corresponde exatamente ao que hoje chamamos de rejeição do mito do dado.

Em outras palavras, Wolf tem razão apenas *de dicto* (para recorrermos à sua própria terminologia em referência a Brandom), pois Hegel não escreveu “conceito” nessa seção, mas parece que temos razão *de re*, uma vez que o movimento dialético que Hegel descreve é justamente a revelação de que a consciência, ao tentar fixar o singular, só encontra a mediação universal, isto é, o campo do conceitual. Como nós enfatizamos, *“o chamado saber imediato é superado (aufgehoben) como modalidade epistêmica, precisamente porque nele o Ser aparece apenas como uma abstração imediata; só ao reconhecer a estrutura universal que atravessa tanto o pensar quanto o ser a consciência alcança a possibilidade do verdadeiro conhecimento”*.

Dessa forma, a superioridade da interpretação deste autor torna-se evidente. Ela não se prende à letra do vocabulário hegeliano, mas capta a essência da argumentação e a reconstrói em termos conceitualmente mais adequados ao debate contemporâneo. A “verdade” da certeza sensível, que Hegel chama de “universal”, só pode ser compreendida, à luz da filosofia atual, como uma forma de conceitualidade, ainda que embrionária. O que está em questão não é um universal externo e indiferente, mas a constatação de que a inteligibilidade do mundo e da experiência só é possível mediante estruturas conceituais. Ao passo que Wolf tenta preservar uma distinção rígida entre representação e conceito, diminuindo a força do diagnóstico hegeliano, nós mostramos que o próprio fracasso da certeza sensível já é a prova de que não há espaço para o não-conceitual na relação entre consciência e realidade.

Assim, a conclusão é clara: Hegel, ainda que em sua terminologia própria, mostrou que a certeza sensível não tem fundamento, e que a verdade que dela emerge é o universal. Ora, entendido adequadamente, esse universal não é outra coisa senão a conceitualidade mesma. Cremos ter razão, portanto, ao lermos Hegel como antecipando a crítica contemporânea ao mito do dado e como defensor de um realismo conceitual, segundo o qual sujeito e objeto compartilham da forma do conceito. Wolf, embora atento ao cuidado filológico, termina por neutralizar a força filosófica da intuição hegeliana, restringindo-a a um universal de representação. Por isso, a leitura deste autor, salvo melhor juízo, se mostra não apenas mais coerente, mas também mais fiel ao espírito da filosofia de Hegel.

Encaminhando-nos para o encerramento, vale a pena mencionar um último ponto.

Wolf afirma que não basta o mero envolvimento de indexicais para que possamos dizer que a experiência em questão é conceitual, pois “*to assimilate concepts to demonstratives is to lose this distinctive contribution, most characteristic of predicates*”. Em sua leitura, portanto, reduzir o conceito à função demonstrativa seria confundir representação mínima com conceitualidade propriamente dita. Haveria uma diferença irreduzível entre nomes e predicados, e a ausência do segundo implicaria a ausência de significado conceitual robusto. Contudo, aqui Wolf perde a força dialética do próprio Hegel. O que Hegel demonstra é justamente que a tentativa de falar o imediato por meio de indexicais (“isto”, “aqui”, “agora”) não é neutra, pois ela já opera uma universalização, ela já implica uma forma. O ponto não é se essa forma se expressa em predicados descritivos plenos ou em meros deícticos; o ponto é que, em qualquer dos casos, a inteligibilidade do objeto está mediada por estruturas linguísticas universais. É nesse sentido que cremos ter razão ao falarmos em “realismo conceitual”: “em tentar designar ‘isto’, a linguagem recorre a “universais” e é por isso que não há dado puro, nem mesmo quando pensamos estar apenas nomeando ou apontando.

O erro de Wolf aqui é supor que só podemos falar em conceitualidade se houver conteúdo descritivo no sentido predicativo, como se apenas a estrutura “S é P” fosse suficiente para garantir estatuto conceitual. Mas Hegel, na sua análise da certeza sensível, mostra que os deícticos (aparentemente pobres, destituídos de conteúdo) já implicam universalidade, e por consequência já são uma forma de mediação conceitual, ainda que mínima. Nós explicitamos exatamente isso ao dizermos que “o ‘agora’ e o ‘aqui’ dissolvem-se na sucessão de tempos e lugares possíveis; e o próprio objeto sensível desaparece no ato de ser pensado. Ora, esse desaparecer do singular mostra que o universal não é um “resto vazio”, mas o próprio modo de inteligibilidade.

Assim, a queixa de Wolf de que a certeza sensível “nada diz” confirma, paradoxalmente, o diagnóstico deste autor. A impossibilidade de dizer algo singularmente determinado é já a prova de que estamos no terreno do conceito em sentido amplo, pois o sensível não consegue aparecer senão sob categorias universais. A crítica hegeliana da certeza sensível não é apenas um vazio, mas a demonstração de que todo suposto imediato se dissolve em mediação. Portanto, mesmo que Hegel não chame isso de *Begriff*, reservando esse termo para o universal concreto, em chave reconstrutiva devemos reconhecer aí um momento de conceitualidade embrionária.

Por isso, contra a objeção de Wolf, não há necessidade de reduzir conceitos a nomes ou demonstrativos, nem de negar o caráter descritivo dos predicados. O que está em sendo discutido é algo de mais profundo: toda função linguística, mesmo a mais pobre, já introduz a estrutura universal que dissolve o dado. Nesse sentido, o “positivo” do conceitualismo não é um mero resto do colapso do dado, mas a revelação de que a experiência só é inteligível porque já se move no espaço do conceito. O universal

que emerge na certeza sensível é precisamente essa verdade, i.e., a de que não há nada dado, e por isso mesmo só há o que é pensado em forma conceitual.

Em conclusão, a análise do artigo de W. Clark Wolf mostra a pertinência de sua preocupação exegética, mas também a limitação de seu alcance filosófico. Wolf insiste que Hegel não formula a crítica à certeza sensível em termos de conceito ou de conceitualidade, mas apenas de universalidade, distinguindo cuidadosamente representação (*Vorstellung*) de conceito (*Begriff*). Seu esforço é preservar a terminologia própria de Hegel e evitar leituras anacrônicas que projetam no texto teses contemporâneas. Nesse sentido, de fato, a advertência de Wolf é valiosa, pois é realmente necessário evitar o risco de diluir a precisão da filosofia hegeliana em analogias que talvez ela própria não sustentasse.

Entretanto, quando confrontada com a reconstrução sistemática que propomos em *On Sense-Certainty in Hegel*, a posição de Wolf revela-se insuficiente. Isso pois, ainda que Hegel não utilize o termo *Begriff* nessa seção, a universalidade que emerge da dissolução do imediato é já uma forma de conceitualidade em sentido amplo. A tentativa de fixar o singular fracassa justamente porque só é possível dizer o “isto” mediante categorias universais, a saber, “o aqui” que é qualquer aqui, “o agora” que é qualquer agora. A crítica hegeliana ao dado imediato, portanto, não é apenas negativa; ela implica positivamente que não existe experiência pré-conceitual. A objeção de Wolf de que a mera presença de indexicais não basta para provar o caráter conceitual da experiência, porque faltaria a dimensão predicativa dos conceitos, falha em compreender que, para Hegel, já a estrutura do “isto” implica a passagem ao universal. O que se perde ao tentar fixar o singular não é apenas conteúdo descritivo, mas a própria possibilidade de um imediato não mediado. A universalidade que se mostra na certeza sensível não é um resíduo vazio, mas a demonstração de que não há nada dado senão na forma de categorias universais.

Assim, embora Wolf contribua para a clareza filológica, temos que é este autor quem acerta no diagnóstico filosófico. A fidelidade literal ao vocabulário de Hegel não deve obscurecer a intuição decisiva que sua dialética oferece, qual seja, a de que toda experiência é já mediação conceitual. Nesse ponto, a nossa leitura, *concessa venia*, não apenas supera a de Wolf, mas mostra-se mais fiel ao espírito da filosofia hegeliana, antecipando com extraordinária força e lucidez a crítica contemporânea ao mito do dado.